



A TENÇÃO À

DANIEL RODRIGUES



A cidade pertence a todos que nela vivem. Não apenas por ocuparem moradias sólidas ou a insegurança das ruas. Principalmente, por construírem nela suas trajetórias, lembranças, as marcas de Pertencimento. E por cuidarem dela, por fazê-la sobreviver ao tempo com qualidade de vida para

todos. E nesse prisma, a pergunta se impõe: a cidade está sendo bem olhada por todos? Será que aqui e ali não estaria faltando a ação popular para aliviar a situação, resolver o problema, tornar melhor a vida da comunidade e da cidade? Há maneiras diversas de falarmos do conceito de Pertencimento, esta edição do Entrevista é a nossa. **Aproveite e compartilhe.**

ENTREVISTA DE OLHO NA RUA

Daniel Rodrigues

Fico muito grato e lisonjeado por ter sido escolhido para fazer o editorial do ENTREVISTA deste ano, um jornal laboratório que já tem mais de 50 anos de história e é uma das referências nacionais quando o assunto é jornal universitário. É ainda mais marcante pelo fato de saber que esse projeto foi uma das chances da nossa sala poder fazer matérias de forma presencial, tanto no que diz respeito às entrevistas com as fontes e personagens quanto na observação diária da rua para ideias de criação de pautas que fossem fora do convencional de jornais mainstream, como também de nós estudantes termos a oportunidade de nos enturmar melhor e ver o sorriso e energia de cada um bem mais de perto.

Isso porque em quase quatro anos de curso, praticamente dois deles foram a distância, sem o contato direto entre os próprios alunos e os professores. Isso tudo devido a pandemia que acabou ceifando milhões de vidas e que acabou atrapalhando nossa rotina e a nossa própria vida, seja no social, na parte física ou até mesmo psicológica. Como forma de aliviar a tensão de todos esses anos e procurar dar mais voz aos cidadãos da nossa região, nesta edição procuramos denunciar e fiscalizar problemas das cidades da Baixada Santista, como questões sociais no caso da ineficiência de políticas públicas para moradores de rua, questões urbanas como enchentes e problemas relacionados ao trânsito.

Além disso, pautas comportamentais que falam sobre pessoas que têm o hábito de colecionar ou que costumam comprar roupas em brechó e até mesmo do passado, com a retomada do olhar aos Fortes da nossa região. Tentamos dar voz aos que não são ouvidos e sair do padrão, sempre procurando comprometimento e seriedade com nosso querido leitor, seja ele estudante, professor ou até mesmo fora do ambiente acadêmico. <



perdem FUNÇÃO SOCIAL

Matheus Vieira

“Santos tem cerca de 100 praças distribuídas por todo o seu território, locais de convivência, encontros e lazer, que não estão livres dos problemas de estrutura, segurança e fiscalização. E o pior, devido às mudanças sociais recentes, perderam a identidade.”

Um local “livre de identificação, que valorize o espaço natural e que serve para o contato daqueles que frequentam o local.” Essa é a definição de praça para o Doutor em História e professor da Unisantos, Leandro Alonso.

Especialista em Sociedade e Cultura, ele analisa que poucas praças de Santos acabam cumprindo seu papel social. “Com exceção da Palmares e de praças na Zona Noroeste, as pessoas não usam as praças longe da praia. Basta observar os bairros como Gonzaga e Embaré onde as praças são pouquíssimas usadas”, afirma. Para ele, há

um privilégio claro das praças localizadas na orla, porém as praças não são as únicas atingidas pelo o que ele chama de “crise de pertencimento”.

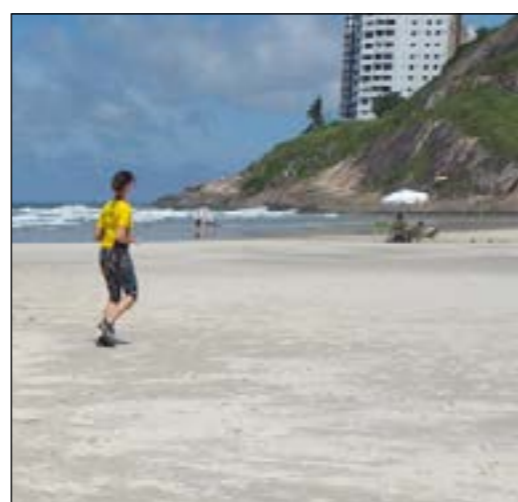
Ele avalia que hoje se vive uma crise de pertencimento daquilo que é público. “O conceito público foi desvalorizado de uma forma que as praças pagam a conta”, afirma. Então, se a praça é um lugar que deveria pertencer às pessoas, com a falta de uso, ela deixa de pertencer ao povo.

E isso, segundo Alonso, é causado pelo avanço da filosofia neoliberal que prega a individualidade. “Dessa forma, a população aceita o lixo na praça, a depredação, porque não enxerga esse espaço como uma coisa de todos”, conclui.

VERDE

Buscando valorizar e conservar as praças da cidade, a Prefeitura de Santos criou o projeto “Cidade Verde” que busca entidades privadas para colaborar com o município na manutenção de equipamentos públicos, como as praças. Hoje, 48 espaços são beneficiados pelo programa. <

FOTOS: ULLY PEREIRA



Uly Pereira

As amigas Melina Parreira (à esquerda), de 51 anos, e Suely de Oliveira (à direita), de 58 anos, correm nas praias e nas ruas das grandes cidades. Melina corre nas praias do Guarujá e faz musculação em academia fechada. Ela escolheu a praia porque se distrai com a paisagem e encontra os amigos, se sente bem, renovada e feliz. Já a Suely escolheu correr na praia porque na areia machuca menos as articulações, além de ser mais prazeroso. Em academia fechada, ela faz musculação. Ela escolheu esse esporte pela sensação de liberdade, que só essa modalidade proporciona. Ela corre no Guarujá só para treinar e participa de maratonas e corridas de longas distâncias. <



ENTREVISTA

Jornal Laboratorial do Curso de Jornalismo do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos - UniSantos

Diretor do Centro de Ciências da Educação e Comunicação/
Coordenador do Curso de Jornalismo:
Prof. Me. Paulo Roberto Bornsen (Mtb. 22.201)

Professores orientadores:

Textos: Marcelo Di Renzo (Mtb. 11.008) e Tereza Cristina Tesser (MTb. 15.379)

Fotografia: João Batista de Macedo Mendes Neto (MTb. 11.086)

Diagramação: José Reis Filho (Mtb. 12.357)

Redação: Avenida Conselheiro Nébias, 300
Vila Mathias, Santos - SP - CEP: 11015-002.
E-mail: agencia.jor@unisantos.

Edição On-line

As opiniões aqui emitidas são de
responsabilidade de seus autores

FOTOS: DANIEL RODRIGUES



Eles também são CIDADÃOS

POLÍTICAS
públicas das
prefeituras não
são suficientes
para os
moradores
de rua

Daniel Rodrigues

As políticas públicas oferecidas aos moradores em situação de rua pelas prefeituras das cidades da Baixada Santista não têm sido efetivas. Entre os principais problemas que essa população enfrenta estão a dificuldade a alimentação, medicação, higiene, chances no mercado de trabalho como também a reintegração na sociedade. Na cidade de Santos, por exemplo, o número de moradores de rua está defasado, por causa que o município não realiza o censo desde 2019, época que a cidade tinha 868 pessoas morando nas ruas de acordo com levantamento feito em parceria com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Os números de abordagens sociais feitas pelo município em 2019 e 2022, também mostram que as abordagens sociais passaram de 10000 para 11701, respectivamente, representando um crescimento de 17 por cento.

A Secretaria de Desenvolvimento Social (Seds) informou que o aumento dos atendimentos ocorreu no período em que o serviço foi intensificado devido aos impactos da pandemia de Covid-19. E por conta do período pandêmico tornou as questões sociais mais expressivas, visto que as demandas econômicas que acarretaram um empobrecimento e a incidência do risco as populações vulneráveis.

De acordo com o professor de Psicologia da UniSantos, Hélio Alves, pesquisador no ramo de desenvolvimento de políticas públicas, os trabalhos realizados pelas prefeituras não são suficientes para cuidar dessa população. "Infelizmente não existem políticas públicas efetivas para moradores em situação de rua na região. O que existe são ações bem pontuais, como por exemplo no início do inverno, para solicitar agasalhos e alimentação, para poder oferecer as pessoas que vivem na rua". Para Alves, não há ações preventivas ou até mesmo propostas de fazer um le-



▲ **SERVIÇOS** oferecidos pelas prefeituras não têm sido suficiente para moradores em situação de rua tentarem encontrar uma vida melhor

◀ **Alexandre Leonardo vive há mais de cinco anos na rua e tem o objetivo de juntar dinheiro para comprar uma bicicleta para trabalhar com a ajuda que ganha das pessoas**

vantamento sério para saber quantas pessoas como crianças, adolescentes e famílias estão vivendo nas ruas.

A pessoa que está vivendo rua é a mesma pessoa que poderia estar trabalhando ou estudando, é o que conta o professor de Psicologia e pesquisador de desenvolvimento de políticas públicas. Entretanto, ele percebe que essa parcela da população está desamparada, precisando de ajuda, acolhimento, um espaço com higiene mínima e condições para não adoecer fisicamente. "A primeira política pública viável seria respeitá-los e oferecer a eles condições mínimas para serem chamados de cidadão. Também pensar em programas que possibilitem maneiras deles saírem das ruas, oferecendo tratamentos por exemplo".

O morador de rua, Alexandre Leonardo, de 49 anos, que nasceu na Zona Oeste de São Paulo e vive há cinco anos diretamente nessa situação, conta que se sente abandonado tanto pela população quanto pelo governo. "Quando as pessoas passam na rua nem te olham e mesmo tendo aquelas que parecem que querem ajudar, ficam com vergonha e acabam ignorando. Já as prefeituras eu acho que deveriam pensar em fazer algum programa de reintegração para a gente, para termos chances no mercado de trabalho e de uma moradia. Eles até ajudam, quando vou no UPA pegar remédios de graça, mas a gente acaba se virando sozinho".

Quando se divorciou da sua mulher há quase 20 anos, Alexandre

entrou no mundo das drogas e do álcool, fazendo com que perdesse sua moradia e obrigado a morar na rua. Em todo esse tempo, ele conta que alguns programas como o Centro Pop da Prefeitura de Santos até ajudaram um pouco, com banho, comida e outros tipos de assistências. Porém o local que fica é longe, no Centro Histórico de Santos, onde também costuma abrigar grande quantidade de usuários de drogas. Atualmente o morador de rua costuma dormir diariamente na calçada de uma loja de colchões que fica entre o Canal 5 e a Avenida Pedro Lessa em Santos. Ele está juntando o pouco dinheiro que ganha com esmola e coleta de reciclagem para comprar uma bicicleta e assim começar a trabalhar para alugar um imóvel para morar e assim tentar ter uma vida melhor.

ALÉM DA PREFEITURA

Fora do poder público, na região da Baixada Santista, existe um projeto sem vínculo político, religioso e sem objetivos financeiros, com foco na ajuda de pessoas necessitadas (principalmente de moradores de rua e pessoas em vulnerabilidade social), quando se encontram desamparadas. Ela se chama Bem da Madrugada-Baixada Santista e é uma extensão de uma rede voluntária presente em 35 cidades do Brasil. A sede da extensão desse projeto social fica no bairro Jardim Casqueiro em Cubatão e é adminis-

trado por três responsáveis: Flávio Souza, Karim Caldas e Rayane Faria.

O Bem da Madrugada-Baixada Santista ajuda cerca de 150 a 200 pessoas em situação de rua por mês em quase toda região, como por exemplo, nas cidades de Cubatão, Guarujá, Praia Grande e Santos. Os perfis majoritários de moradores de rua atendidos são homens entre 30 e 45 anos e mulheres entre 35 e 40 anos.

Para Flávio Souza, um dos responsáveis pelo projeto, as prefeituras não oferecem condições satisfatórias a essa população. "As políticas públicas não são eficientes em relação a recursos que o poder público tem, como de verbas e espaços, que poderiam estar ofertando à população vulnerável. As políticas públicas delas (do poder público) acabam se tornando paliativas e assistenciais igual a gente faz, porque de concreto não há muita coisa que a prefeitura faça", critica o embaixador.

Os principais motivos que levam as pessoas a morarem na rua, de acordo com ele, são a dependência química e a perda de laço familiar; decorrência de vícios ou conflitos com a família.

A reinclusão do mercado de trabalho, é uma obrigação do governo fomentar esse tipo de inclusão, inserção, resgate de autoestima e ressocialização com a família, já que aquele morador que está em situação de rua também pode ter cortado laços familiares, é o que afirma um dos responsáveis pela administração do projeto, Flávio Souza. "Quem tem esses mecanismos é a prefeitura, porém ela peca e falha, já que executa ações assistenciais invés de ações concretas, que não vão de encontro as inserções do morador que está em situação de rua, no seu convívio, no seu habitat, com sua família, de forma natural".

Ele também explica que por mais que as ONGs e projetos sociais queiram e possam ajudar, elas são limitadas. No seu ponto de vista, se o poder público fizesse parcerias com as ONGs e projetos sociais, poderiam dar outro tipo de direcionamento para ajudar essa população. ◀

Sem comida NO PRATO

CIDADE de Santos encara dificuldades para lidar com a fome

IGOR DE PAIVA



Igor de Paiva

Enquanto a sexagésima edição da Campanha da Fraternidade, série de atividades e palestras realizadas anualmente pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, define a fome como a falta de alimentos para atender as necessidades nutricionais e sociais de um sujeito, a Baixada Santista registra 415 mil pessoas em situação de pobreza ou extrema pobreza. Em Santos, ainda segundo dados do Ministério da Cidadania, elaborados através do registro de informações do CadÚnico, cerca de 16,5 mil famílias sentem isso na pele todos os dias. Para especialistas, a insegurança alimentar é um problema relacionado a aspectos sociais, políticos e econômicos.

O Banco Mundial, principal responsável por definições econômicas e relacionadas ao poder financeiro do planeta, definiu a faixa de pobreza como pessoas com uma renda per capita de até R\$28,90 por dia. Já a extrema pobreza, o cálculo é de R\$5,45 per capita para cada 24 horas. Nas principais redes de mercado, como "Dia" e "Pão de Açúcar", o valor de uma unidade de pão francês é de R\$1,20. O café expresso, outro item considerado básico na alimentação brasileira, pode ser encontrado por em média R\$5,90 na grande maioria das padarias.

Segundo a jornalista Vanuzia Teixeira de Souza, coordenadora de segurança alimentar na Secretaria do Estado de Agricultura e Abastecimento, a falha tem uma ligação

direta com um direito básico da vida humana. "Insegurança alimentar é quando em um determinado momento há falta de acesso ao alimento de qualidade. Considerando que a segurança alimentar é a promoção do direito humano à alimentação adequada, em quantidade e qualidade para todos."

Ela também explica que a dificuldade está presente em três níveis diferentes dentro da nossa sociedade. O primeiro deles representa o estágio leve, onde existe uma incerteza sobre a capacidade para conseguir alimentos. A moderada é quando há uma restrição na quantidade de alimentos consumidos, enquanto a grave é a prova que não existe comida para todos da família.

A professora docente do curso de Teologia na Universidade de Santos, Mariza Galvão, organizadora da divulgação de dados e eventos sobre o tema na unidade de ensino, coloca a fome, juntamente com a sensação de carência alimentícia, como pontos-chaves e questões estruturais dentro da sociedade. "A questão da fome é uma adversidade política, em 2022 foi contabilizado o número de 33,1 milhões de brasileiros que não têm o que comer."

Além disso, ela também deixa claro que o problema precisa ser solucionado como um todo. "As pessoas podem e devem se organizar para colaborar com os mais necessitados, mas não podemos ficar apenas com a condição do aspecto da doação, precisamos pensar politicamente que estas pessoas têm o direito de escolher e comprar o que querem comer. A política precisa se envolver com isso. A questão da fome é uma problemática conjuntural. O que é amenizar a fome para quem tem fome?"

ASPECTOS sociais e econômicos são sombra e preocupação no prato da população

FOME NOSSA DE CADA DIA

Para a não assalariada, Maria da Graça de Oliveira, de 52 anos, a insegurança alimentar é um fantasma diário. Como cuidadora de idosos, profissão que a servia como ganha pão, ela viu sua única forma de ganhar dinheiro desaparecer da noite para o dia. "Tive a infelicidade da pessoa que eu cuidava morrer por conta de uma enfermidade. Com isso perdi meu chão e a forma como ganhar dinheiro."

A vida de Maria da Graça também teve um baque relacionado à saúde dentro da sua própria casa. Seu marido adoeceu nesse mesmo período, fazendo a situação piorar assustadoramente. Ela afirma que a doença dele fez com que as coisas ficassem ainda piores, pois não tinham mais dinheiro para se manter.

A falta de emprego e a doença do marido somadas à pouca ajuda do governo levaram Maria a procurar auxílio para se alimentar. "Não tenho ajuda para pagar aluguel, energia elétrica e água. Por conta disso, falta tudo na mesa", comenta.

A luz no fim do túnel foi ajuda do Projeto "Resgatando Vidas". Criado em 2017, a ideia é reunir pessoas com dificuldades de conseguir alimentos e distribuir jantares e cestas básicas. Além de possibilitar alimentos, o programa ainda possibilita a entrada na igreja adventista do séti-

mo dia e os seus ensinamentos. "Sou muito grata a toda a ajuda. Graças a ele, consigo me alimentar e trazer comida para casa. A minha vida está acontecendo por tudo isso", conclui.

A coordenadora do núcleo de auxílio, Adryana Byaggio, explica que a religião é um diferencial, mas não é algo determinante. "Ninguém é obrigado a seguir nossos ensinamentos religiosos para receber a doação. Levamos o que acreditamos muito a sério e entregar alimentos para as pessoas é uma verdadeira missão de vida".

Adryana conta que a iniciativa entrega mensalmente alimentos básicos para 21 pessoas. A lista de beneficiados conta com munícipes que possuem histórias, sentimentos e emoções, mas que necessitam de doações para ter o mínimo de bem-estar possível.

Além disso, a ação prepara trinta refeições todas as noites e entrega para pessoas em situação de rua. "Já distribuímos refeição para todos os tipos de pessoas. É a nossa forma de cuidar delas. Sabemos que não é algo que vai salvar o mundo, mas é o que podemos fazer hoje. É nisso que acreditamos e é também por isso que acordamos todos os dias para essa missão".

A doação de cestas básicas por parte de amigos, familiares e conhecidos é o que mantém a desempregada Rachel Lima, de 34 anos, e seus filhos alimentados. "Atualmente é muito complicado conseguir um emprego fixo ou renda que realmente me ajude a criar meus filhos. Isso é o que eu mais quero".

Afetado pela crise e suas consequências, o marido de Rachel perdeu seu trabalho e sua fonte de renda. "Ele trabalha como feirante, mas perdeu o emprego e nossa fonte de renda. As dificuldades começaram a ficar piores".

Ela evidencia que sobrevive junto com a família com ajuda do governo, de R\$ 500,00 e que paga um aluguel de R\$455,00. "É muito difícil se manter assim, é difícil comer e cuidar dos filhos com tão pouco", expõe.

SEM PODER DE COMPRA

Economista e docente na Universidade Católica de Santos, Celia Rodrigues Ribeiro explica que as principais razões para o avanço da falta de comida no prato tem origem em diversos aspectos. "Os principais fatores para o aumento da insegurança alimentar e a desnutrição são os conflitos, as temperaturas extremas no clima e as crises econômicas. Portanto, a economia do país tem influência direta no problema. Uma crise econômica é caracterizada pela queda da renda da população, aumento da taxa de juros (o dinheiro fica mais caro), aumento do desemprego e inflação alta", diz Celia.

Para a especialista, a cidade de Santos tem um custo de vida elevado e foi impactada de forma direta pelos números altos registrados pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). <

Sem **TEMPO** para **PERDER**

SEMÁFOROS de pedestres colocam em risco cidadãos de Santos pelo seu tempo acelerado



Bianca Brodowsky

A cidade de Santos sofreu uma evolução de acidentes com pedestres de 110%, sendo 66 em 2020 e 139 em 2022, em relação ao número de atropelamentos, segundo o levantamento de boletins de ocorrências registrados pela Polícia Militar. Devido ao tempo estipulado estar acelerado demais para algumas pessoas, não há muitas opções além de atravessar correndo ou esperar até que não venha mais carros.

Conforme a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), Santos dispõe de 435 cruzamentos sinalizados com semáforos. Desses, 280 possuem tempos exclusivos para pedestres, enquanto os outros funcionam com tempo de vermelho geral - quando a fase vermelha para veículos permanece nos dois sentidos.

Na última sexta-feira, dia 17 de março, a equipe de reportagem do ENTREVISTA esteve em dois cruzamentos: Conselheiro Nébias com General Francisco Glycerio e Conselheiro Nébias com Xavier Pinheiro, para abordar alguns pedestres e entender a opinião de quem passa por ali todos os dias. Dentre eles, Dennis Santos, de 34 anos, explicou como é passar pelo cruzamento das Avenidas Conselheiro Nébias e Francisco Glycerio todos os dias. "Aqui é rápido demais e o fluxo de carros e motos é muito grande". Com o semáforo marcando 15 segundos de tempo de verde para o pedestre, isso torna a travessia muito perigosa, principalmente para os mais idosos. "Eu já presenciei um acidente por aqui, o sinal havia acabado de fechar para os pedestres e o carro acelerou com tudo e acertou uma senhora que estava atravessando, ela acabou falecendo na hora", conclui.

Para Sabrina Lima, de 21 anos, o cruzamento da Conselheiro Nébias com a Xavier Pinheiro é perigoso demais, principalmente para os idosos. "Os motoboys geralmente ultrapassam o limite de velocidade, viram com tudo e até passam no sinal vermelho, isso é muito perigoso. Nós, adultos, somos mais atentos, mas os idosos não". Na rua Xavier Pinheiro, o pedestre possui apenas sete segundos para atravessar, enquanto os carros têm um tempo de 1 minuto e 30 segundos. Isso resulta em uma grande espera ou se arriscar e atravessar no vermelho.

Após duas horas nos locais citados, a equipe de reportagem também observou o alto número de pessoas

que atravessam fora do tempo verde para pedestres. À exemplo das questões relacionadas ao período de espera, a principal reclamação foi a necessidade de chegar a algum compromisso importante, como trabalho ou consulta médica.

Já em estabelecimentos que ficam nestes locais, como o Posto Petrobras, o funcionário Eziel Rodrigues, de 27 anos, observa diariamente a situação dos pedestres quando o assunto é atravessar. "É muito comum ver pessoas atravessando correndo por aqui, principalmente nos horários de pico, às 7 horas e às 18 horas". Rodrigues também conta sobre o perigo que os pedestres passam por conta dos motoboys, situação já citada anteriormente por outro entrevistado. "Frequentemente os motoboys passam no sinal vermelho e acabam colocando a vida das pessoas em risco, isso quando não atropela pedestres e ciclistas que estão passando".

ESPECIALISTAS OPINAM

O engenheiro civil e docente na Universidade Católica de Santos, Luiz Fernando de Melo Correia, reforça o perigo e o risco para as pessoas. "A má utilização dos semáforos significa não respeitar os tempos semaforicos, ou seja, você não respeitar o tempo do vermelho, do amarelo e do verde. Isso em um cruzamento muito movimentado, com certeza é uma possibilidade grande de um acidente".

Além disso, o especialista explica como é calculado o tempo dos semáforos de acordo com a velocidade que o pedestre caminha, mas também levando em consideração cidades que têm grande quantidade de idosos e crianças, como Santos. "Quando nós calculamos o tempo semaforico dos pedestres, a gente determina uma certa velocidade do caminhar. Muitas referências bibliográficas utilizam 1,2 metro por segundo de caminhada, então nós calculamos o tempo semaforico do pedestre de acordo com a largura da rua que ele vai atravessar e com a velocidade de caminhada.

A tecnologia soluciona

Com intuito de melhorar o funcionamento dos semáforos tanto para os pedestres como para os motoristas, uma nova tecnologia está sendo adotada no município desde 2019 pela CET, onde os semáforos comuns estão sendo substituídos por semáforos digitais e mais modernos. Estes, utilizam chips de dados e GPS para uma comunicação à distância entre



Mas, existem estudos mais recentes em regiões que temos uma maior quantidade de idosos e de crianças, de usar o tempo do caminhar em torno de 0,6 metro por segundo".

O Manual Brasileiro de Sinalização de Trânsito, elaborado pelo Conselho Nacional de Trânsito (Contran), também recomenda a velocidade de 1,2 metro por segundo, tempo considerado suficiente para concluir a travessia. Mas, dadas as características da população de Santos, com alta taxa de idosos, a CET utiliza a velocidade de 1,0 metro por segundo. Ainda sim, uma velocidade maior que a indicada pelo especialista Luiz Fernando.

Em uma cidade inteligente - denominada como Smart City -, é de extrema importância que haja um bom funcionamento do tráfego urbano, tanto para motoristas quanto para os pedestres. Santos foi classificada em 13º lugar na Ranking Connected Smart Cities 2022, onde são eleitas as cidades mais inteligentes do Brasil.

De acordo com o Professor de Arquitetura e Urbanismo, Cesar Bargo, o pedestre deveria ter o papel principal quando se fala de convivência coletiva na cidade. "De fato, uma

PEDESTRES se arriscam e atravessam no sinal vermelho por causa do tempo acelerado do semáforo na Rua Xavier Pinheiro

cidade humanizada daria ao pedestre o protagonismo de circulação. Isso não acontece em Santos no nível que deveria se esperar para uma cidade litorânea com um turismo e paisagens urbanas e naturais tão convidativas à contemplação. Espera-se que as pessoas possam viver em seu entorno. A velocidade impingida pelo uso sistemático de veículos impede tal leitura".

Ainda segundo Bargo, as cidades da Baixada Santista recorrem ao uso de semáforos para reger os padrões de tráfego urbano. "Santos migra aos poucos para o status de uma cidade inteligente e o controle do tráfego, velocidades de deslocamento e fluidez são essenciais para otimização dos deslocamentos. Nesse sentido, os semáforos desempenham um papel protagonista".

os equipamentos e a central da CET com a finalidade de identificar e corrigir problemas remotamente de forma muito mais rápida, além de também funcionarem de forma sincronizada. Isso ajudará no fluxo de carros e diminuirá o tempo de espera dos pedestres.

"Dos 435 cruzamentos semaforizados de Santos, 378 são de responsabilidade da CET, e desses, 206 já operam com a nova tecnologia. Os demais 172 pontos se encontram em processo de modernização", afirma a CET. ◀

Canais CHEIOS, ruas ALAGADAS

PELAS redes sociais, moradores de São Vicente encontram uma forma de minimizar os problemas que as enchentes causam

Lucas Rodrigues

O município de São Vicente sofre há anos com os constantes transtornos causados pelos alagamentos na cidade, principalmente no início do ano, quando aumentam os volumes de chuva. Enquanto os problemas continuam a população encontrou nas redes sociais uma alternativa para contornar todas as dificuldades quando as ruas estão cheias. Os moradores dos bairros Tancredo Neves e Náutica criaram um grupo no WhatsApp para se comunicar sobre as enchentes na entrada do bairro.

A enfermeira Janafina Nobrega Ferreira (27), uma das administradoras do grupo resalta sua importância. "no grupo temos notícias compartilhadas, podendo um ajudar o outro com as informações, pois alguns integrantes moram super perto do canal e conseguem nos comunicar como está a situação, caso a gente queira entrar o sair do bairro, já estamos informados da situação."

Os moradores têm que conviver com os diversos problemas causados pelas enchentes. As águas invadem as moradias e comércios, trazendo enormes prejuízos. O canal localizado na avenida Eduardo Souto no bairro Cidade Náutica corta as vias de acesso a outros dois bairros daquela região, o Pompeba e Tancredo Neves, cerca de 40 mil pessoas residem nesses respectivos bairros.

No começo de outubro de 2022 a Prefeitura em conjunto com Governo do Estado deu início às obras de infraestrutura para amenizar os danos causados pelas enchentes. Uma alça de acesso da Rodovia dos Imigrantes será construída e facilitará que os moradores do Tancredo Neves e Náutica consigam acessar os bairros. A obra está sendo realizada pela Agência de Transporte Estado de São Paulo (Artesp) e tem previsão para ser entregue em novembro de 2023.

A comerciante Amanda Gonçalves (32) tem um restaurante na avenida Eduardo Souto e comenta sobre os problemas causados pelas cheias do canal. "Sempre existiu isso aqui, basta apenas a maré encher que as ruas ficam tomadas pela água, e se



FOTOS: LUCAS RODRIGUES



chover piora ainda mais. Algumas pessoas acabam jogando lixo isso contribui também para esse problema. A prefeitura até limpa, mas não com frequência.

O restaurante passou por uma reforma, foi construído um elevado para que a água não invada o estabelecimento. Sobre as obras de drenagem realizadas pela prefeitura no canal e a construção de comportas para conter a alta da maré, Amanda lembra que sempre iniciam, mas que nunca são concluídas e os problemas continuam atrapalhando a vida dos moradores do bairro. "Poderia ter mais investimentos por aqui a população não pode ficar nessa situação".

A Prefeitura foi procurada pela reportagem para esclarecer sobre os problemas das cheias. Em nota, informa que tem trabalhado diariamente para executar serviços

de melhorias estruturais e, consequentemente, amenizar o prejuízo causado à população por conta dos alagamentos. E destaca que. "A enchente é um problema crônico enfrentado pela região há muitos anos, pois a Cidade está no nível do mar, e sofreu um crescimento desordenado ao longo de décadas, fazendo com que muitas famílias hoje habitem áreas que sofrem interferência da maré constantemente". Os grandes volumes de chuva em curto espaço de tempo também contribuem para agravar este problema.

Um problema sem solução?

Para o engenheiro civil e pesquisador universitário Adilson Luiz Gonçalves, 63 anos, algumas medidas de prevenção podem ser tomadas para amenizar os danos causados pelas enchentes. Do ponto de vista urbanístico, a legislação deve ser seguida de rígida fiscalização, re-



Acima, Grupo Travessia, moradores trocam informações sobre a situação do canal.

Ao lado, Avenida Frei Gaspar, Cidade Náutica. Abaixo, obras de acesso ao bairro Tancredo Neves margeando a Rodovia dos Imigrantes

movendo ocupações irregulares de áreas inundáveis. Mas isso deve estar associado a medidas sociais/habitacionais que assegurem dignidade à população, sem o quê, a solução de um problema implicará apenas da transferência de outro. A rede de drenagem é um sistema e, como tal, deve ser analisada de uma forma ampla. É necessário diversos estudo para poder realizar projetos atende as demandas dos problemas nas vias urbanas. "Aumentar o diâmetro das tubulações de um trecho não é suficiente, se o trecho seguinte não comportar o aumento de vazão"

O uso de piscinões também podem ser alternativas para reduzir a demanda da rede de drenagem, mas demandam grandes áreas para sua construção, o que pode exigir desapropriações.

Mas Adilson explica que "O solo do litoral exige fundações especiais para esse tipo de obra, que nada mais é do que uma grande "caixa d'água" subterrânea, que deve permanecer vazia, só utilizada quando a rede de drenagem estiver próxima de seu limite". Outro problema a ser considerado é a limpeza urbana. Lixo e folhas de árvore tentem a prejudicar a captação de água pelas bocas-de-lobo, além de assorear as tubulações. A limpeza da rede deve ser feita regularmente.

Para Adilson é importante lembrar que a maioria das áreas urbanizadas dos municípios da região é basicamente plana, e que o escoamento da rede de drenagem ocorre por gravidade, ou seja, depende da declividade das tubulações, galerias e canais. Pelas características topográficas da região, a declividade é quase sempre é pequena, o que implica em escoamento lento. <

BRECHÓS viram tendência

FOTOS: ANDRESSA ÉVORA



O MERCADO de segunda mão tem crescido exponencialmente nos últimos anos

Andressa Évora

O mercado de moda tem buscado alternativas para se tornar acessível e sustentável, e em meio a uma tendência, os brechós estão ganhando cada vez mais espaço nessa área, mas foi o tempo de terem preconceito sobre esse segmento. Muitas pessoas acreditavam que as roupas de brechó traziam consigo uma energia ruim.

De acordo com levantamento realizado pelo Sebrae, baseado em dados da Receita Federal, houve um aumento na abertura de estabelecimentos que comercializam produtos de segunda mão, como os brechós, de 48,58% nos primeiros semestres de 2020 e 2021.

Os dados também apontam que, entre 2010 e 2015, houve um crescimento de 210% dos brechós e da venda de roupas usadas. E a tendência é que o setor continue em ascensão, tanto que já estão surgindo startups com foco nesse ramo. Este segmento de roupas usadas tem crescido de maneira exponencial no Brasil.

UMA FORMA DE SE REDESCOBRIR

Os brechós e bazares fazem parte de uma tendência, e é uma forma de fazer as roupas circularem, já que muitas iriam parar em aterros sanitários, e claro, é o melhor custo benefício. Em Santos, a empreendedora Fátima Cristina de Araújo, de

28 anos, dona do Brechó 013, que foi aberto durante a pandemia, é o seu ganha pão. Em meio a crise da covid 19, ela e seu namorado foram mandados embora das suas empresas, e decidiram então abrir um negócio. Fátima sempre teve o costume de "garimpar" com a sua mãe, e viu nisso, uma forma de empreender.

"É todo um cuidado, um carinho de você ir e selecionar peça por peça. Eu lavo todas as peças, é muita delicadeza. Mas ainda existe muito preconceito, falam de energia pesada, mas se as pessoas soubessem de tanto trabalho escravo por trás das lojas de departamento, não falaria isso do brechó. A energia da roupa quem faz é você, lavou tá novo." explica a empreendedora.

Em 2017, Fátima começou vendendo roupas em um site de vendas, depois, foi levando suas peças até um supermercado em um centro comercial na cidade. Com a clientela aumentando, decidiu abrir uma página no Instagram, até que o negócio cresceu.

A oportunidade de empreen-



▲ **ROUPAS usadas viram alternativas para quem quer economizar e montar looks criativos**

der este negócio cresceu muito na pandemia de covid-19. Com tantos produtos de valor parados em casa, o brasileiro colocou em prática sua vocação empreendedora no mercado. Foi o que aconteceu com Fátima, que foi mandada embora da sua antiga empresa, e junto com o seu companheiro, decidiram abrir as portas de um negócio que ela já queria há muito tempo, mas que tinham medo, e hoje, fazem entregas para qualquer lugar do Brasil.

"Eu tinha um emprego, meu namorado também. A gente tinha medo de largar uma coisa certa, e me perguntava se as pessoas iriam

receber bem essa ideia, se funcionaria, se iriam gostar, e deu certo. No Brechó 013, o público é bem variado. Pessoas de todos os tipos de classes frequentam, que sejam para comprar roupas para trabalhar, para ir em festas, ou até mesmo, ficar em casa."

As pautas sobre consumo consciente estão em evidência nas redes sociais, principalmente em relação ao setor de vestuário. A busca pela hashtag "brechó" no Instagram gera cerca de 7 milhões de resultados, em que a maioria deles são anúncios para compra de roupas e objetos usados. E eles surgem como uma opção mais barata para conseguir roupas mais originais e econômicas. A popularização desses negócios tem ajudado a diminuir estigmas e preconceitos.

Somente na Baixada Santista, há centenas de lojas online vendendo roupas de segunda mão. De tal forma que, hoje, os brechós vivem um salto de popularidade nas grandes cidades brasileiras. Assumindo um importante papel no mercado da moda e gerando oportunidades para pessoas em todo o país.

Em Praia Grande, a empreendedora Alyne Dalla Germano, de 29 anos, conta que o brechó surgiu de um consumismo que ela tinha. "Eu sempre fui uma pessoa muito consumista, todo fim de semana eu ia ao shopping e comprava alguma roupa, nunca fui de comprar roupas de marca, mas sempre comprei em grande quantidade". Alyne teve que desapegar de grande parte das suas roupas quando decidiu casar, até porque, o guarda roupa que teria que dividir com seu marido, não suportaria a quantidade de peças que ela tinha.

"Nesse processo de doação, eu descobri que existiam brechós e desapegos, e decidi vender uma sacola de roupas. Foi aí que tivemos a ideia de abrir um brechó e se adaptar, começamos a trabalhar com o digital. Minhas primeiras clientes foram as minhas amigas, passei a vender roupas de numerações que eu não usava, fui comprando roupas e revendendo".

A empreendedora decidiu fazer algo diferente, e fazer um "provador" e contratar modelos de várias numerações, do 36 ao 48, para que quem compre, consiga se ver na peça, e fala da importância da representatividade. "Eu me vi em uma situação desafiadora, porque como eu vou falar pra cliente que a peça vai ficar boa nela? Os corpos vão variando muito e eu sentia necessidade também da cor da modelo, a mulher que é preta tem dificuldade em comprar uma roupa e uma mulher que é muito branca também tem." E assim, ela começou a sentir a necessidade de contratar mais pessoas para seu negócio, e aumentar o time, e alugar um espaço somente para a venda.

Com uma equipe de oito pessoas hoje, com modelos, higienização, atendimento e motoboy, ela diz que a loja foi aberta há um ano, e que não imaginava o sucesso que ela faria. E ainda ressalta a importância do brechó com o meio ambiente, e também, psicologicamente. "Eu me tornei uma pessoa menos apegada ao material. Hoje sou apegada à vivência, pela oportunidade que aquilo me traz". ◀

QUEM COMPRA?



A atriz e produtora, Daniella Regina Pereira Krymov consumidora declarada de roupas e acessórios "reciclados" conta que frequenta brechó há mais de dez anos, e que começou a ter este costume devido às aulas de teatros, mas acabou levando esse costume pra vida. "Isso virou um grande costume. No teatro precisamos dar vida ao personagem, ao figurino, precisamos customizar e encontrar coisas específicas, e o brechó tem tudo isso, além do custo ser mais acessível e ajudar o meio ambiente reutilizando roupas da melhor forma." Ela acredita que o brechó dá a oportunidade dela ser o personagem que ela quiser, porque tem roupas de diversas épocas, e estilos. "Eu consigo criar".

BEATRYZ BONATELLI

Beatryz Bonatelli

Santos tem sido marcada por diversas feiras de economia criativa que são um importante fator para o movimento econômico local. De 2021 a 2023, a Prefeitura de Santos estima que foram realizados cerca de 150 eventos que além de ajudar a aquecer o turismo da cidade, promovendo uma programação diferente para os visitantes, dão a oportunidade dos artesãos locais apresentarem seus trabalhos para potenciais clientes, possibilitando um aumento das vendas e da renda.

A FeirArte, a “Feirinha Hippie”, que acontece aos sábados no Boqueirão, em frente a Av. Conselheiro Nébias, e aos domingos na Aparecida, na praça do SESC, hoje recebe cerca de 70 barracas de produtores locais por edição, dos 100 cadastrados para participarem. Oferecendo desde bijuterias, tererês e artigos esotéricos a doces e pratos tradicionais do Brasil, a história é de que o espaço nasceu de um grupo de hippies que costumavam expor seus artesanatos no calçadão da praça do Boqueirão nos anos 70, originando o que hoje é um dos mais antigos movimentos criativos do país.

A prefeitura, visando a retomada da economia local, criou o programa “Carrossel Criativo” com objetivo de cadastrar empreendedores para participarem das feiras criativas na cidade e promover eventos que possibilitem a divulgação dos trabalhos dos artesãos.

A iniciativa incentiva o turismo local, incluindo as feiras no calendário de eventos da cidade, promovendo a proximidade do produtor local com o público e a geração de renda, além de permitir a criação e o uso de novos espaços de colaboração que proporcionam o lazer e o contato com a cultura. Em 2022, a Prefeitura apoiou 64 feiras criativas privadas, além das tradicionais FeirArtes.

Movimentos como o Villarejo Art, GranBazar e O Coletivo são um exemplo do incentivo da prefeitura. Apesar de serem iniciativas privadas, isto é, que não partem diretamente do serviço público, os eventos trazem diversos empreendedores de diferentes ramos e viabilizando a movimentação da economia criativa, que se refere às atividades relacionadas à cultura, tecnologia e criatividade. Normalmente, cada evento tem uma edição por mês e, desses, o mais frequente é o GranBazar, que chega a ter três edições.

Artesã e dona da marca Santa Felicidade, Kethelee Faria de Souza comercializa artigos esotéricos e faz parte da economia criativa desde 2011. “Comecei meu próprio negócio em um momento de cansaço mental enorme. Estava em uma fase pessoal e profissional muito difícil, mas nesses momentos eu me via pintando e lixando meus Budas, e



FEIRAS CRIATIVAS

▲ A LOJA Santa Felicidade, de artigos esotéricos, lucra R\$1.500 reais, em média, por dia de feira

movimentam a economia de SANTOS

AUMENTA o leque de oportunidades de produtores santistas

foi o que me salvou”.

A empreendedora conta que o começo foi difícil, mas queria dividir com outras pessoas o seu trabalho e história, chegando até a vender a casa que tinha para investir no negócio. “Com o tempo, o Santa Felicidade tomou proporções incríveis. Hoje, é minha única fonte de renda e me mantém muito bem”.

Kethelee conta que as feiras criativas são um grande apoio e sempre retornam o investimento feito, às vezes até ultrapassando: “já cheguei a vender 200% do valor que investi nas feiras. Costumo receber mais de R\$1.500 por dia de feira”. Nos eventos, a artesã apresenta não

apenas os Budas que iniciaram o negócio, mas todos os produtos que entraram para o estoque com o tempo, como quadros, vasos e seus incensos artesanais.

Dona da loja de roupas femininas Kelluma, Kelly Aparecida de Oliveira Aguiar, criou a marca no início de 2020. “Foi logo que a pandemia estourou e foi um baque no começo. Porém, quando uma cliente me chamou procurando um presente, eu vi uma oportunidade. Depois disso, as feiras me ajudaram a aumentar minha base de clientes e lucro”.

A empreendedora conta que participar das feiras criativas sempre é ótimo e lucrativo: “eu participo de todas as edições do GranBa-

zar. Para isso, eu pago uma taxa que cobre a estrutura oferecida por eles”. A taxa a que se refere é de R\$350,00 e sustenta a organização do evento e as barracas que são disponibilizadas para os artesãos. “Todo evento eu consigo cobrir o gasto que tive. Em média, consigo tirar R\$3.500 em cada edição”. A edição da feira na praça do Aquário, junto com O Coletivo, outra iniciativa privada, foi o maior faturamento de Kelly, que conta ter vendido R\$5.500 no evento.

Para a aposentada e dona da marca Crazy 4 Dogs, Regina Stella Rocha, de produtos para cachorros, há dois anos, o melhor resultado foi R\$3.000. “As feiras que participo representam 70% das vendas do negócio. Nelas, eu consigo um faturamento médio entre R\$2.500 e R\$3.000”. Regina conta ainda que todos os produtos de tecido, como bandanas, roupinhas e caminhas, é ela mesma quem produz, o que anula o gasto com produção externa para esses produtos. As guias, peitorais e coleiras, todas desenhadas pelo marido, são as únicas peças produzidas por uma fábrica especial. ◀

Em 2022,
foram realizadas

64

feiras de economia criativa em Santos, fora as tradicionais



Allan Bueno

Andar de bicicleta sempre foi algo bastante comum para os santistas, muitos gostam até de brincar que aprenderam a andar e segundo aprenderam a andar de bicicleta, mas essa relação entre Santos e bicicleta vem de uma grande vantagem que a cidade tem, que é ser uma cidade plana, gerando um grande fluxo de ciclistas todos os dias na cidade.

Sendo como presente ou por necessidade, desde sua invenção, a bicicleta tem sido um meio de transporte útil e vantajoso, pode ser adquirida por um preço relativamente baixo, não consumindo nenhum tipo de combustível, ocupando pouco espaço, sendo um veículo leve. "A bicicleta sempre foi e sempre será uma ótima opção econômica de se locomover, mas a situação atual de algumas pessoas levou a um aumento", enfatizou o presidente da Associação Brasileira de Ciclismo, Jessé Félix.

"Eu moro no Japuí em São Vicente, a bicicleta se tornou presente em minha vida depois de 4 anos, depois da pandemia, eu tive que vender o meu carro, a contas ficaram altas e o único meio de transporte mais barato que eu tive como opção foi a bicicleta. Ônibus todos dias ficou inviável para mim, 10 reais todos os dias não dava mais. Nos dias de hoje, no final do mês eu economizo 500 reais comparado a outros anos". Comentou Leandro Firmino, auxiliar de administração.

Com o aumento no número de pessoas utilizando bicicletas, o comércio também é um dos mais afetados. Um levantamento de dados coletados pela Secretaria de Finanças da cidade de Com o fechamento dos dados referentes a dezembro, o Bike Santos confirmou sua trajetória histórica anual de crescimento do número de viagens realizadas. No ano passado, as bicicletas de uso compartilhado foram usadas em 595.932 passeios. Nos 12 meses de 2018, a somatória foi de 543.841, representando aumento de quase 10%. Com a totalização de mais um ano, o acumulado, desde a implantação do programa, em 2012, pela Companhia de Engenharia de Tráfego (CET-Santos) chegou a 2.850.864 viagens.

Santos mostra que o crescimento no comércio voltado ao setor de bicicletas acompanhou a expansão da malha cicloviária na cidade da baixada santista em 87% ao decorrer dos últimos anos. "Hoje uma oficina de bicicleta é algo tão comum quanto uma oficina de carro, a cidade em média ao decorrer dos últimos 5 anos cresceu o número de oficinas, de 4 oficinas que abriram em outros anos, só em 2021 pra cá foram 12 que abriram, então é uma economia que vem se tornando



BICICLETAS ocupam mais espaços nas RUAS

▲ O AUMENTO do fluxo de bicicletas gera consequências na cidade de Santos

COM O aumento no número de pessoas utilizando bicicletas, o comércio, universidades e as ruas, são afetados

sólida no mercado" disse Adriano Leocadio Secretário de Finanças.

Com o tempo, empresas de outros ramos devem oferecer mais espaço para as bicicletas, "A tendência é que o comércio também entre nessa onda de paraciclo". Acredita o presidente da Associação Brasileira de Ciclismo, Jessé Félix

"Nos últimos anos a procura de peças e montagem vem crescendo, a necessidade de utilização de bicicle-

grande movimentação de veículos, acaba apresentando risco aos ciclistas. "Pensamos muito nessas vias faz algum tempo, sabemos que existe uma atenção especial na via da Conselheiro Nébias, por conta das universidades localizadas na avenida, mas a falta de estrutura da ampliação por conta da construção da avenida, nos impede de um obra para a construção de um ciclovia ou uma ciclofaixa. Hoje a nossa maior preocupação é a

Com 414.452 habitantes na cidade de Santos segundo o IBGE, 67% desses moradores possuem uma bicicleta

Com 414 452 habitantes na cidade de Santos segundo o IBGE, 67% desses moradores possuem uma bicicleta, vias importantes como Afonso Pena, Conselheiro Nébias, Senador Feijó e Perimetral, prezam pela falta de manutenção em vias movimentadas, e vias com uma

educação de trânsito para aqueles que utilizam as bicicletas de formas mais prudentes", comentou Luiz Carlos Pizianni, Engenheiro de trânsito da CET de Santos.

Segundo a CET o aumento no número de bicicletas exige a manutenção de várias ciclovias e criação de novas ciclovias, a ampliação e melhora da ciclovia localizada na Perimetral de Santos segue com um projeto de manutenção e aumento da extensão prevista para o final de 2023, onde um grande fluxo de ciclistas acabam utilizando a via com menos qualidade e pouca segurança. Muito já se foi discutido

ao longo dos anos sobre educação no trânsito para os ciclistas, sendo essa pauta discutida no ano. "É bom pra eles e para os motoristas, tem que ter sim uma educação de trânsito, muitos alunos meus acabam contando de acidente ou até passando por uns por conta dessa imprudência, mas parece que a CET já largou de vez" comentou a Instrutora da Auto Escola Ferrari, Cassia Aparecida.

O aumento do uso da bicicleta como meio de transporte vem exigindo medidas de adequação não apenas por parte do poder público. A Universidade Santa Cecília, no bairro do Boqueirão, que oferece 190 vagas em bicicletários até 2015, mais do que dobrou a capacidade do estacionamento para bicicletas, hoje são 500 vagas. O incremento de 2,6 vezes das vagas nos bicicletários da Universidade, em menos de dois anos, veio para atender a demanda de alunos e professores. Segundo a assessoria de imprensa da instituição, a ocupação das vagas é de 90% pela manhã e 100% à noite. Além da Unisanta, outras universidades como Unip e Esamc também entraram na tendência de ampliar seus bicicletários. "Eu moro no Guarujá e todos os dias eu acabo utilizando a minha Bike para ir a faculdade, tem dias que é impossível colocar a bicicleta no bicicletário, muitas vezes eu tenho que sair mais cedo só para guardar ela, a ampliação foi boa, porém se ampliar mais, vai aumentar mais" comentou a aluna de direito da Faculdade ESAMC, Maria Fernanda Lacerda. ▲



DESAFIOS no transporte pelos MORROS de Santos

POPULAÇÃO precisa lidar com o risco de dividir espaço com veículos

Caroline Melo

Com cerca de 35 mil habitantes espalhados pelos 16 morros, que formam a "cidade alta" de Santos, os moradores enfrentam dificuldades no transporte público para entrar e sair das comunidades. Somente cinco linhas municipais sobem parte desses bairros, porém, devido à demora ou até mesmo por não ter dinheiro suficiente para pagar a passagem, há quem opte por descer e subir por outros meios, como a pé, de lotação e até o serviço de motoristas particulares da comunidade.

"Na época em que eu descia a pé era para economizar tempo e também dinheiro", disse Marli Nascimento, de 53 anos. Técnica de enfermagem na Santa Casa de Santos, ela morava no Morro Nova Cintra e descia pelo mesmo trecho, na região do Jabaquara, e dividia a pista com os carros e motos.

"O ônibus demorava 25 minutos, porque ele tinha que passar pelo Nova Cintra e subir pelo São Bento para só assim descer". O circular que faz esse trajeto é o 181. Marli explica que quando começou a descer o morro, até utilizava as escadarias de acesso. Em 13 minutos,

já estava no trabalho. Porém, ela afirma que com o tempo, as escadas foram tomadas por mato e devido à falta de limpeza. "Alguns lugares [da escadaria] ficavam escuros. Além disso, também via muitas pessoas jovens usando drogas e escondidas na mata". Por achar a situação muito perigosa, ela passou a descer na companhia de outros moradores, que andavam pela via em que se dividia o espaço com os carros. "Assim era mais fácil estar acompanhada de outra pessoa", afirma.

Por meio de nota, a Secretaria de Comunicação (Secom) da prefeitura de Santos informou que as linhas de ônibus municipais que circulam pelos morros são os circulares 61, 118, 181, 100 e 13. Sendo as duas últimas as mais utilizadas. Cada passagem é no valor de R\$ 5,25.

A secretária ainda afirmou que o tempo de demora da saída de um veículo do ponto final varia entre 18 e 17 minutos. Sendo que o circular 61 é o que tem o maior tempo de saída entre um veículo e outro; e o circular 13 e 100 com o menor.

No entanto, o morador da Vila Progresso e líder comunitário José Roberto Santos, de 43 anos, alega que



cada ônibus da linha 61, por exemplo, demora cerca de uma hora para passar no ponto do Morro da Nova Cintra. "É um dos maiores problemas que eu vejo hoje". Como reside na Vila Progresso, José Roberto explica que é comum os moradores descerem a pé pelo Morro da Nova Cintra, principalmente no Jabaquara. É, inclusive, durante esse percurso que a população reclama das escadarias de acesso nesta descida. "As pessoas têm receio de subir pelas escadarias

▲ HÁ QUEM escolhe descer e subir por outros meios, como a pé, de lotação e até o serviço de motoristas particulares

devido ao estado precário, como falta de corrimão e iluminação fraca. Por causa disso, preferem subir pela via", afirma. A liderança ainda apontou que há pouco transporte para os morado-

res que residem em áreas com ruas íngremes e de ladeira. Além disso, José Roberto explica que o morro da Vila Progresso é atendido por três linhas, o 100, o 118 e o 181. "Eles só cobrem a parte de baixo [do morro], a parte de cima os ônibus não circulam"

No local, uma das opções alternativas são as vans, também chamadas de lotações. "Mas também temos problemas com isso, eles trabalham só até as 23h30, depois disso é só de uber", reclama.



Preferência pelo transporte alternativo

Como forma de transporte alternativo, as lotações, também conhecidas como peruas, alcançam boa parte dos lugares em que os ônibus não sobem. Esse serviço é realizado por proprietários de vans, que tenham capacidade de levar até 16 passageiros sentados. São 51 veículos no total que trabalham diariamente, com o mesmo preço da passagem que o ônibus municipal.

Solange Conceição Sinfrônio, de 62 anos, é moradora do Morro São Bento desde que nasceu e uma das usuárias frequentes do serviço de transporte público. Ela percorre o trecho que fica em cima do túnel no Centro de Santos a pé. O percurso entre a casa dela e o trabalho, também no hospital Santa Casa, leva meia hora.

"O ônibus demora muito, de 30 a 40 minutos para passar no ponto", ressalta. Ela mora em uma área de difícil acesso e ainda precisa subir e descer escadarias para chegar às vias principais do Morro São Bento. "É um exercício para mim". Para voltar do trabalho, Solange usa a lotação, que geralmente costuma passar logo após o horário de saída dela. Segundo ela, o percurso de retorno leva em média 10 minutos. A moradora, no entanto, discorda sobre a questão do perigo na comunidade em que mora e afirma ser tranquilo a qualquer hora do dia, tanto a descida, quanto a subida do Morro São Bento. "Nunca fui assaltada, nunca tive problema nenhum. Lá é muito seguro, todo mundo conhece todo mundo", ressalta.

MOBILIZAÇÃO

Mesmo com as opções de se locomover a pé, de ônibus ou de lotação, ainda há lugares, como o



▲ SOLANGE Conceição Sinfrônio, de 62 anos

Morro do Pacheco e Morro do José Menino, que não estão no itinerário do transporte público. Isso ocorre principalmente pela maior parte da comunidade não ser acessível a veículos como ônibus ou vans.

Diante disso, a opção mais óbvia a seguir seria a locomoção por carros de aplicativo. Porém, de acordo com Maria Aparecida Santos, moradora do Morro São Bento - temido por muitos da população da "Cidade Baixa" - apesar de ser um local de fácil acesso de veículos, muitos motoristas não aceitam levá-la até a rua onde mora.

"Sou usuária do serviço [de corrida por aplicativo], eles não aceitam corridas para os morros, acredito, por medo de roubos ou por não conhecer a região", disse. Os aplicativos de corridas particulares chegaram ao Brasil em 2014, no entanto, antes mesmo disso, a própria população se mobilizou e criou grupos de motoristas, também moradores dos morros, que fazem corridas particulares. A ideia surgiu como uma forma de apoio mútuo de quem mora na "Cidade Alta" e se expandiu ao longo dos anos. O grupo precursor foi o União dos Morros, criado há 11 anos. O criador da comunidade no aplicativo de mensagens Whatsapp foi Jadilson dos Santos, de 50 anos. Ele explicou à reportagem que a ideia surgiu pouco depois que começou a trabalhar como motorista particular para amigas, também moradoras do São Bento, que iriam à igreja e não queriam voltar para casa à pé.

"Me juntei com mais três amigos, fui espalhando cartões, e foi crescendo", disse. O plano se espalhou e mais grupos foram criados. Em março de 2023, os morros contam com um total de oito grupos no Whatsapp de motoristas de carro particulares e três de motociclistas. A ideia é simples. Cada grupo possui cerca de 250 pessoas, entre motoristas e clientes. O morador interessado escreve uma mensagem no bate papo explicando o local de origem e de destino da corrida. O profissional então sinaliza que irá chamar o interessado na conversa privada no aplicativo e os dois acertam o valor da corrida.

Jadilson explica que por conta da variação da gasolina e manutenção dos carros, os preços aumentaram no último ano. Entretanto, o grande diferencial dos motoristas dos grupos para os que trabalham por aplicativos é que o valor da corrida tem uma variação baixa de preço, não sendo afetado pelo dia da semana, como domingos e feriados, nem pela meteorologia, faça chuva ou faça sol. "Nós não temos problema nenhum, vamos em todos os morros. Os preços variam entre R\$ 13 e 17", ressalta.

A única exceção, de acordo com o motorista, é quando acontecem os bailes funk nas comunidades. Nesse caso, se o morador que ir até a festa ele pode pagar até R\$ 30. O grupo, inclusive, é altamente organizado e trabalha com regras e punições, caso haja reclamações tanto da parte do profissional, quanto do cliente. "Eles ficam fora do serviço durante alguns dias".

Além disso, é costume que os motoristas trabalhem até 8 horas por

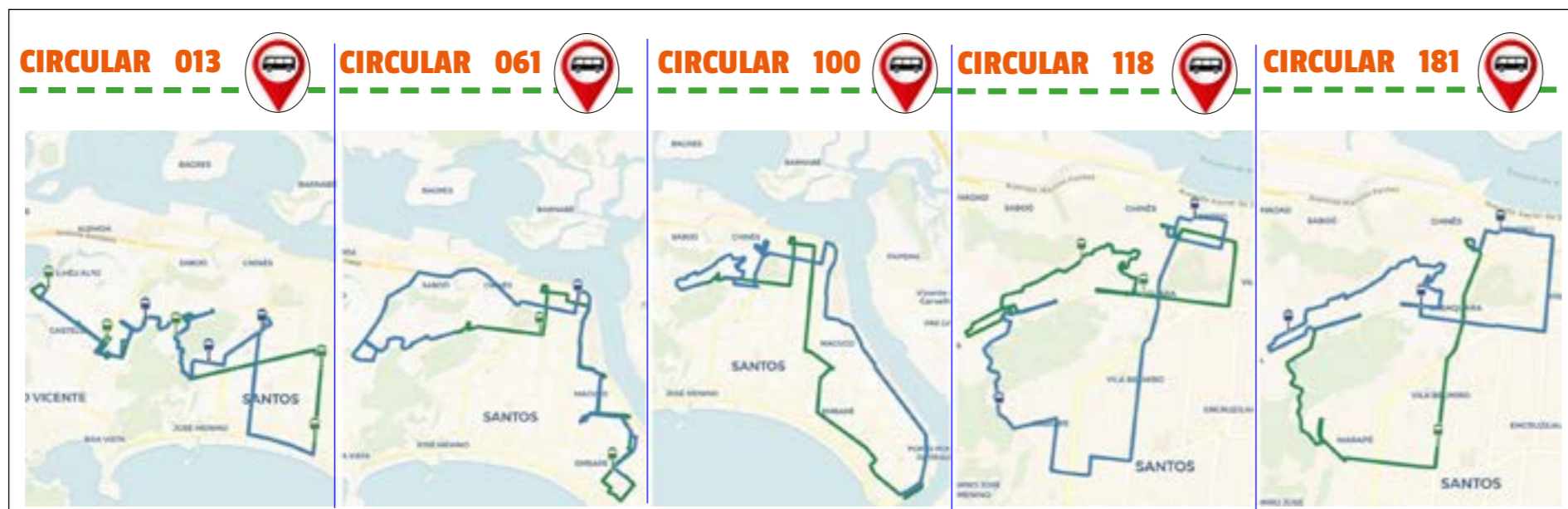
▲ CIRCULAR 100 próximo à descida do Morro do Jabaquara

dia e fiquem com a localização do GPS ligada, caso precise de alguma ajuda ou orientação de outros profissionais que estão no mesmo grupo. "Quando a pessoa vai para locais perigosos nós vamos auxiliando. Eles ainda se ajudam na hora de escolher quem vai pegar qual corrida, a intenção é facilitar para o cliente e não ganhar dinheiro, procuramos um indicar o outro", ressalta.

A PREFEITURA

A Secretaria de Comunicação da prefeitura de Santos informou por meio de nota que a Guarda Civil Municipal (GCM) dá apoio às forças de segurança, Polícia Civil e Militar para ajudar na questão do perigo nas escadarias de acesso ao Morro

Ainda justificou que os guardas fazem rondas diurnas em toda a cidade e quando flagra atitudes suspeitas, os autores são apreendidos e encaminhados ao distrito policial. Quando questionada sobre a pouca abrangência dos ônibus municipais e das lotações, a Secom informou que os caminhos a serem percorridos pelos circulares são definidos pela Companhia de Engenharia e Tráfego (CET) de Santos, responsável pela gestão e fiscalização do Transporte Público no município. "São feitas alterações pontuais de acordo com o surgimento de novas demandas", finalizou. <



▲ PERCURSO das linhas de ônibus que circulam nos morros em Santos

“ Relato da repórter

Morei no Morro da Nova Cintra durante dois anos e minha mãe descia diariamente o trecho do Jabaquara para ir trabalhar no Centro da cidade. Ela nunca usou as escadarias por saber do perigo e optava por seguir pelo trajeto que os veículos fazem, na Avenida Guilherme Russo. A primeira vez que o fiz, foi quando decidi acompanhá-la ao trabalho e finalmente senti o que era fazer tal circuito. Mesmo durante a pandemia, o "horário de pico" era caótico. O trajeto leva cerca de 20 minutos, dividindo espaço com carros, motos e ônibus. Conosco, desceram mais quatro pessoas, a maioria com uniformes de empresas que ficam no pé do Morro Jabaquara. Todas sonolentas, porém, pareciam acostumadas com o risco iminente de sair tropeçando pela descida do morro e acabar invadindo a pista. ”

GERAÇÃO Z é contagiada pela moda “RETRO”

JOVENS nascidos depois de 1995 passaram a adquirir câmeras analógicas e discos de vinil, e comerciantes desses produtos falam sobre o crescimento do mercado nos últimos anos

Amanda Freixo

Apesar do avanço da tecnologia estar cada vez mais rápido, existem pessoas que encontram uma satisfação maior em equipamentos criados antes dos anos 2000. De acordo com a revista Casa & Jardim, da Editora Globo, esse movimento é chamado de Nova Nostalgia. E beneficiou o faturamento de sebos e antiquários. No caso do vinil, por exemplo, uma pesquisa da IFPI (International Federation of Phonographic Industry) divulgou que a venda mundial de discos voltou a crescer em 2007, chegando a ultrapassar os números de 1997 em 2012. Gerando um lucro de 180 milhões de dólares para a indústria musical.

Em outra pesquisa realizada em 2016 pela Revista norte-americana Digital Music News, 16% dos consumidores de discos de vinil estão na faixa etária dos 18 aos 24 anos. E 33% deste público(a maioria) tem entre 25 e 34 anos. Cláudia Guimaraes Chelotti, proprietária da Disqueria, sebo localizado na Avenida Conselheiro Nébias em Santos, acredita que esse interesse dos jovens indicam vontade de possuir a obra de um artista em formato físico.

“Nem fico mais surpresa quan-

do aparecem adolescentes por aqui. É outra coisa você ter discos. Baixar músicas pelo celular não é o mesmo que conhecer a obra, ler a capa, ler os créditos. Diria que o que aumentou foi essa busca pelo físico.”

Pedro Paulo Rodrigues, de 24 anos, é fotógrafo e amante da música. Ele trabalhou na Disqueria quando tinha 21 anos em 2019. Em sua experiência o interesse por discos de vinil veio por razões financeiras.

“Quando comecei a me interessar por música na adolescência, os vinis eram muito mais baratos. Se queria adquirir algum álbum em formato físico, os CDs eram por volta de R\$ 30,00 reais, e o mesmo LP custava R\$ 4,00. Hoje em dia ainda prefiro os discos por conta do apreço que tenho pelo formato, mesmo não sendo mais tão benéfico economicamente.”

A internet permite que a sociedade tenha mais acesso ao passado e às modas anteriores. Por isso, além da qualidade de uso desses equipamentos, existe também a apelação estética e a romantização da nostalgia. Por todas as redes sociais, a onda “retrô” entre jovens da geração Millennial e Z é impossível de ignorar. Desde 2015 bordões como “eu nasci na época errada”, se referindo a costumes como escutar música em walkmans, são muito comuns nas redes sociais.

Dono da loja Besouro Discos em Santos, Sérgio Ricardo Dias costumava ser um colecionador de vinis



AMANDA FREIXO

▲ **SEBO Disqueria localizado na Av. Conselheiro Nébias**

até que começou a vender alguns pelo Mercado Livre e enxergou a possibilidade de abrir sua loja física que hoje em dia está ativa há quase sete anos. Dias alega que de uma década para cá a procura já estava aumentando e cresceu ainda mais ultimamente.

“A volta da fabricação de toca discos facilitou para que as pessoas voltassem a consumir a música nesse formato. Tem aparecido muitos clientes a partir dos 15 anos agora, além dos que já frequentavam a loja”.

Câmeras analógicas e digitais também têm feito um grande barulho entre os jovens. De acordo com a revista especializada em fotografia Blog eMania, a venda de câmeras digitais cresceu 16,7% em 2022. Essas máquinas fotográficas inclusive ganharam sua própria versão na famosa trend (quando surge uma

moda de postar fotos e vídeos do mesmo estilo nas redes sociais) das selfies no espelho.

A compositora Giovanna Silveira Avino, que hoje em dia é dona da loja de câmeras AnnaloGica, entrou no mercado justamente por notar essa procura dos equipamentos ao vender uma Olympus Pen rapidamente durante a quarentena do Coronavírus.

“Com a internet tudo ficou mais rápido e por isso algumas pessoas começaram a buscar o oposto. Com uma câmera analógica, cada clique é preciso. É preciso dar valor ao filme e escolher os momentos especiais que irão registrar” explica Giovanna.

A empresária também afirma que a maioria de seus clientes são jovens procurando câmeras digitais como a Sony e CyberShot por gostarem do efeito retrô que elas proporcionam. ◀

FOTOS: FREEPICK



Baixar músicas pelo celular não é o mesmo que conhecer a obra, ler a capa, ler os créditos

Cláudia Guimaraes Chelotti

AMANDA FREIXO



▲ **EMPRESÁRIAS da loja virtual AnnaloGica**

Elas apostam suas **FICHAS**

AS MULHERES também possuem espaço na cena de pôquer da Baixada Santista

Giovanna Corerato

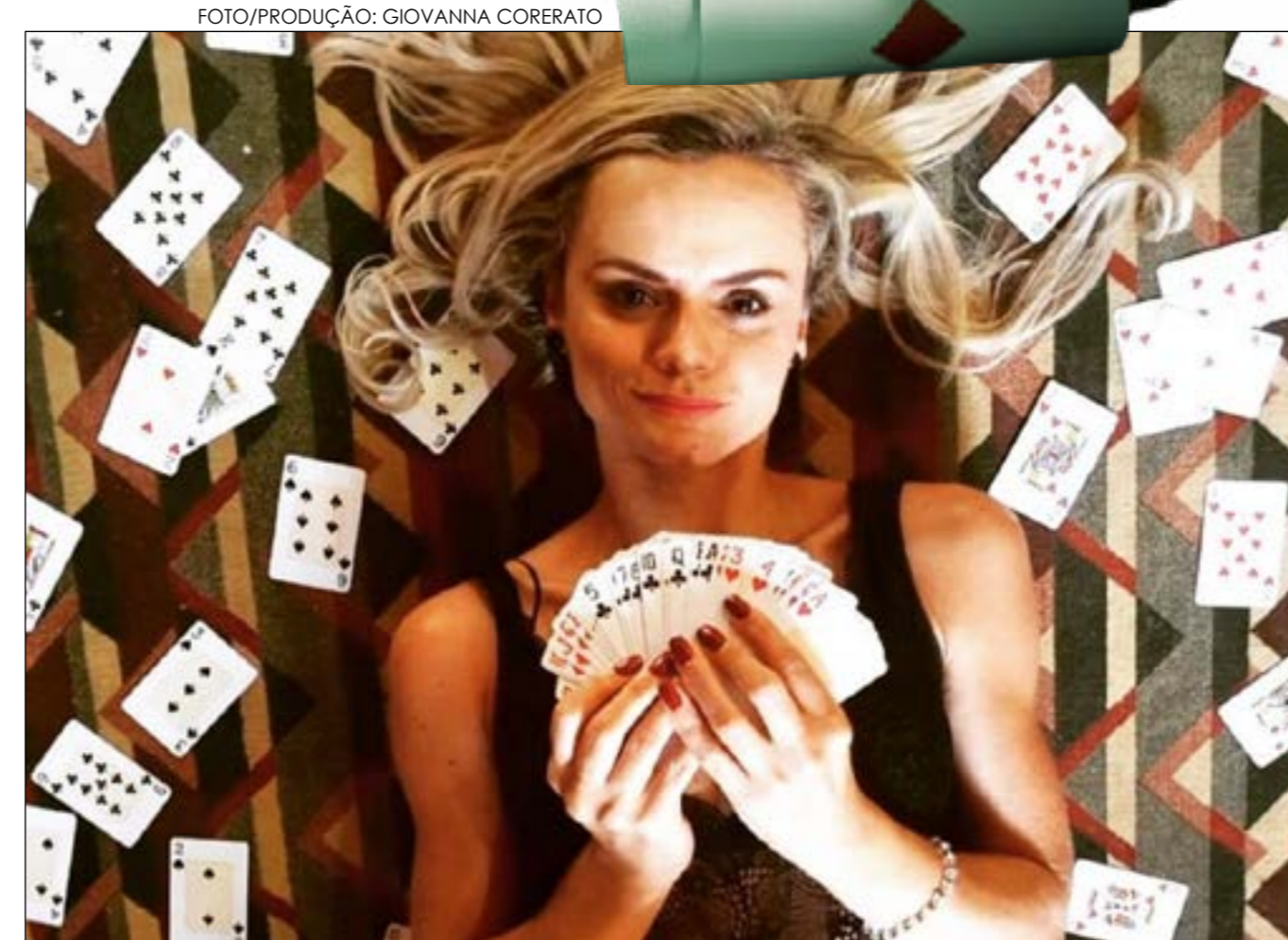
Elas apostam fichas em busca de conquistar espaço em um local majoritariamente masculino. Reconhecido por ser um jogo de habilidade com uma pequena porcentagem de sorte – e não um jogo de azar, segundo a lei brasileira – o pôquer possui cerca de 8 milhões de jogadores em todo o Brasil. Segundo um levantamento da Confederação Brasileira de Texas Hold'em (CBTH) as mulheres ocupam de 5% a 10% desse espaço. Os clubes da Baixada Santista estimam que de 10 pessoas que entram para jogar nas casas, apenas duas delas são mulheres.

O pôquer é um jogo de estratégia e habilidade que pode ser jogado tanto online quanto live, como são denominados os jogos presenciais, cujo objetivo é utilizar cartas para formar a melhor combinação possível e vencer os adversários. Em torneios e eventos locais, assim como o Circuito Praia Poker (CPP), que acontece em clubes da Baixada Santista, é possível encontrar mulheres unidas pelo amor ao jogo e pela busca por desafios.

"Elas têm se interessado e têm tido mais coragem de jogar", afirma a jogadora de pôquer e confeitadeira Mariana Spoltore, de 33 anos, ao explicar que cada vez mais vê mulheres nas mesas. A moradora de Santos e frequentadora do Six Poker Club, em Santos, e o Poker na Praia, em Guarujá, dois clubes do jogo, relata que apesar de já ter ouvido comentários machistas durante as partidas nunca deixou que "as provocações" influenciassem a relação dela com o esporte.

Mariana começou no pôquer em 2017 por influência da irmã, que também é jogadora. "Um dia fui com ela para conhecer. Sentei numa mesa e na minha primeira noite já foram 9 horas seguidas de jogo. Me apaixonei", explica. Hoje, a principal meta da santista é "apostar todas as fichas" no esporte para que um dia isso se torne sua principal fonte de renda.

Em 2006, a ex-acrobata Danielle da Silva Araújo, de 39 anos, ficava



FOTO/PRODUÇÃO: GIOVANNA CORERATO

durante horas nos sofás dos clubes de pôquer esperando enquanto o marido jogava, até que começou a se interessar pelo esporte e decidiu aprender a jogar. Nascida no Guarujá, hoje vive do pôquer sem precisar, de fato, jogar.

"Jamais passava na minha cabeça que um dia eu poderia viver do pôquer. Hoje ganho dinheiro não jogando, mas vendendo as fichas do jogo, pela internet", explica Danielle. A princípio, a ideia era jogar mas tudo mudou há 6 anos, quando seu filho nasceu. "Gosto muito de jogos e torneios, mas custam horas em frente ao computador. Com isso, decidi apenas vender fichas para poder focar na maternidade", relata.

Danielle explica que não possui um salário fixo, já que lucra por comissão da taxa administrativa cobrada por cada jogo, mas já chegou a ganhar R\$ 10 mil em um mês. "Quanto eu ganho depende muito do jogador para quem eu vendo as fichas. Já tive um tão bom que só ele pagava todas minhas contas".

▲ DANIELLE trabalha com pôquer mas não possui um salário fixo, já que recebe por comissão

Para ela, o pôquer está se tornando um ambiente cada vez mais feminino apesar de sentir que ainda sofre preconceitos na modalidade. "Nunca ninguém ousou falar nada de mim. Talvez por eu estar sempre acompanhada, mas dava para sentir no olhar como quem dizia: 'será que ela não tem o que fazer?'".

LEGALIZAÇÃO

Algumas pessoas podem ter uma visão negativa do pôquer como uma forma de jogo que pode levar a problemas financeiros, muitas vezes associado ao vício em jogos de azar. Por outro lado, o pôquer é aceito como uma forma de entretenimento para maiores de 18 anos e foi legalizado no Brasil em 2018, após uma longa batalha jurídica e política.

Antes dessa data, o jogo era considerado ilegal no País, visto que a legislação brasileira proibia qualquer jogo de azar. No entanto, em 2010, a CBTH entrou com uma ação na Justiça pedindo a legalização do

pôquer, argumentando que se trata de habilidade, e não de azar, e que, portanto, não deveria ser considerado um jogo de apostas.

Com a decisão, a modalidade passou a ser regulamentada no Brasil e foi reconhecida como esporte da mente em assembleia da International Mind Sports Association (IMSA), assim como o xadrez e damas. O pôquer é atualmente uma atividade legal e pode ser praticado em clubes, torneios e eventos, desde que siga as regras estabelecidas pela legislação brasileira. ◀



Six Poker Club
Av. Ana Costa, 473 - 3º andar
- Gonzaga, Santos - SP

Poker na Praia
Av. Miguel Estefano, 3989
Guarujá - SP

San Domenico Poker Club
Av. Dr. Pedro Lessa, 2370 -
Embaré, Santos - SP

FORTES NA ROTA DO TURISMO

MONUMENTOS históricos à beira-mar contam a história da formação do Brasil

Jaqueline Nunes

A prática de realizar passeios culturais é um hábito cada vez mais latente na Baixada Santista. Um bom exemplo se dá a partir de um levantamento realizado pela secretaria de turismo de Santos, que revela um aumento de mais de 200% no número de visitantes na Pinacoteca Benedito Calixto, que era de 10.345 em 2020 e triplicou dois anos depois, recebendo 33.867 pessoas ao final de 2022, mostrando que a cultura local é importante para o turismo santista.

O setor passa por um bom momento, no qual é possível trabalhar outras opções, principalmente incentivando as atrações turísticas locais.

A afirmação é do diretor presidente da Associação dos Profissionais do Turismo da Baixada Santista (APT), Eduardo Silveira. Ele explica que a entidade trouxe para Santos, o modelo de negócio Walking Tour, um passeio ao ar livre pelos monumentos da cidade. E fomentando esse novo conceito de turismo na região.

Na Baixada, um roteiro a ser explorado pela vertente turística são os fortes e as fortalezas, construções militares com o objetivo de proteger a vila e o porto de Santos contra a invasão de piratas e inimigos da coroa portuguesa. Algumas destas fortificações tornaram-se museus à beira-mar, que reúnem vestígios dos primeiros povos que passaram pela região, apresentando aos visitantes um encontro com a própria identidade.

As principais são: Forte São João; Fortaleza da Barra Grande de Santo Amaro; Fortaleza de Itaipu e Forte dos Andradas; Forte Itapema.

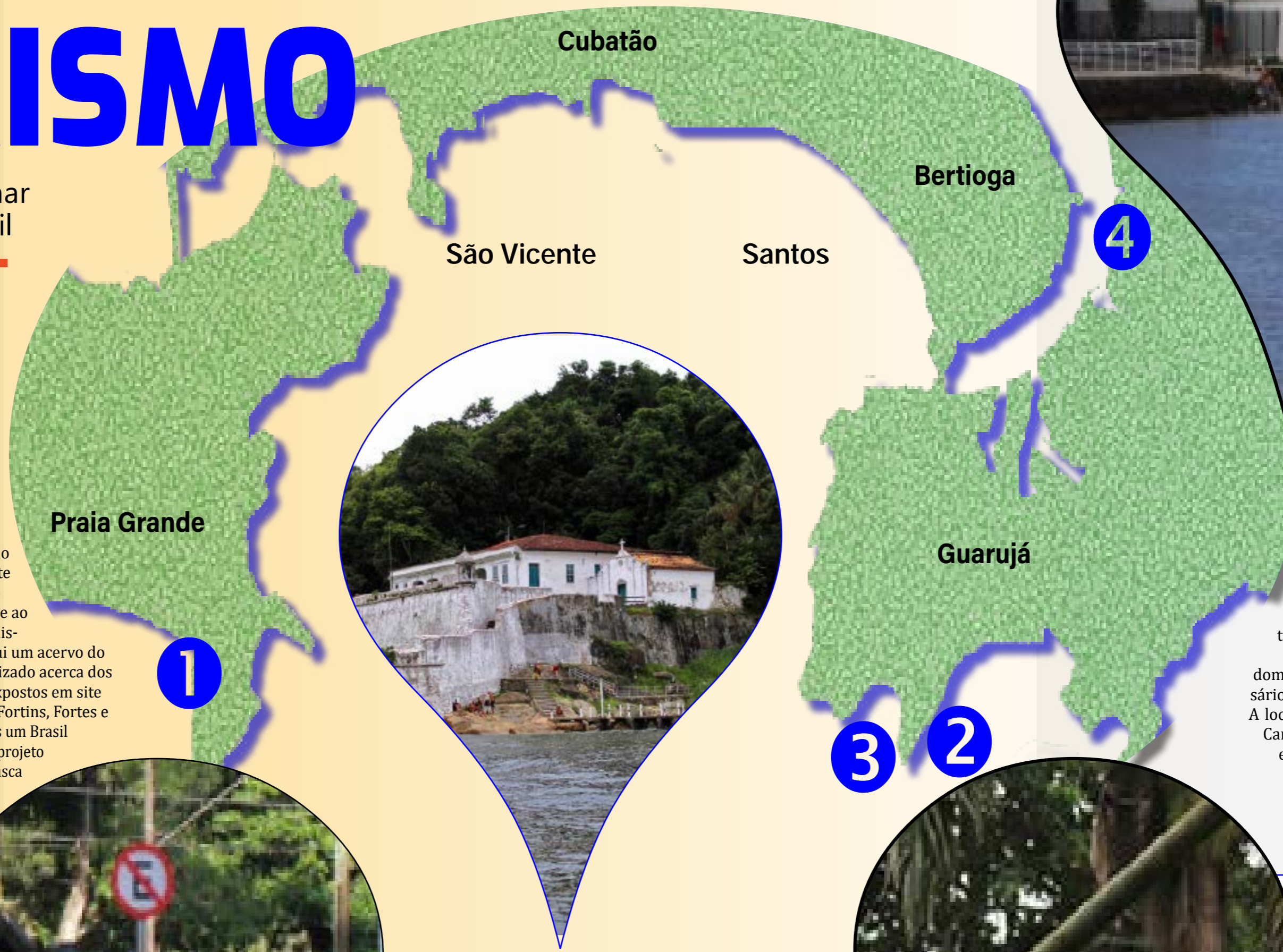
Para o professor emérito da UniSantos, pesquisador e coronel reformado de artilharia Elcio Rogério Secomandi, "existe hoje uma conscientização maior das pessoas perante ao turismo por estes locais históricos". Secomandi possui um acervo do trabalho de pesquisa realizado acerca dos monumentos da região expostos em site próprio, é autor do livro 'Fortins, Fortes e Fortaleza: por ele veremos um Brasil edificado' e idealizador do projeto 'Circuito dos Fortes', que busca evidenciar a importância histórica dos monumentos na construção das cidades da Baixada, ele acredita que ainda há um caminho a ser percorrido para que a sociedade possa estar mais perto da sua história.

1 - Fortaleza de Itaipu e 2 - Fortes dos Andradas

Ambas as construções foram finalizadas na Segunda Guerra Mundial e hoje funcionam como base militar, abrigando artilharias modernas sob o poder do exército brasileiro. Reconhecidos como patrimônio nacional pelo IPHAN, podem ser visitados pela sociedade civil de forma gratuita.

Em Praia Grande, o museu da Fortaleza de Itaipu fica aberto aos fins de semana, das 10 às 15h, com acesso apenas por meio de carro ou moto, sem a necessidade de agendamento prévio, com limite de 15 veículos. O endereço é na Avenida Marechal Mallet, 01, no bairro Canto do Forte.

Já o Forte dos Andradas, em Guarujá, conta com um parque e uma exposição que apresenta as memórias do local. As visitas do público geralmente são feitas em grupo de forma pontual e acontecem em eventos promovidos entre a prefeitura da cidade e o exército.



3 - Fortaleza da Barra Grande de Santo Amaro

"A nossa ideia foi realizar esse trabalho com foco principal na sociedade local, para que os moradores pudessem usufruir de todo aquele espaço e com consciência da importância que a Fortaleza possui em nossa história", afirma o professor mestre dos cursos de Comunicação da UniSantos, Robinaldo Fidalgo Salgado, que participou do projeto realizado pelo NECON - Núcleo de Extensão Comunitária da UniSantos.

Desde 1997, a Fortaleza é aberta ao público para visitação. A estudante e moradora de Guarujá, Cíntia Amorim Sardinha, 17, que esteve na Barra Grande em 2022, conta que a primeira experiência de estar lá foi interessante. "Eu gostei de ter ido, principalmente porque eu não sabia, até então, que aquele lugar poderia ser visitado. Fui com o pessoal da minha sala e, para mim, foi muito legal conhecer como era o sistema dos fortes", explica. O monumento, que também concorre ao título de Patrimônio Cultural Mundial, fica na rua Messias Borges, 380, no bairro Santa Cruz dos Navegantes, aberto de terça a sexta-feira, das 9 às 17 horas; aos sábados, das 10 às 16 horas e aos domingos, das 9 às 15 horas. A entrada é gratuita.

4 - Forte São João

É uma das primeiras construções militares do País, de 1553, que protegia o território contra a população indígena tupinambá ou invasores europeus. Hoje, patrimônio nacional reconhecido pelo

Instituto de Patrimônio e Artes Nacional (IPHAN), abriga as memórias dos povos indígenas que contam os primórdios da formação do Brasil e concorre ao título de Patrimônio Cultural Mundial. O espaço fica aberto de terça-feira a domingo, das 9 às 18 horas, não é necessário agendamento e a entrada é gratuita. A localização fica na Avenida Vicente de Carvalho, s/n, Centro, em Bertioga, no encontro entre as águas do Rio Itapanhaú e a Praia da Enseada.

O futuro da história

O Forte Itapema, em Vicente de Carvalho no Guarujá, é a construção mais antiga do município e apenas em 2020, o governo federal cedeu a gestão do monumento à prefeitura da cidade. Em agosto de 2022, iniciou-se a reforma de revitalização e, segundo a assessoria de comunicação da prefeitura de Guarujá, "no futuro será uma atração turística e cultural da região". As obras ainda estão em fase de andamento. <

FOTOS: JAQUELINE NUNES

CUBATENSES lutam para construir carreira **NO FUTEBOL**

OS JOGADORES William Kallebe e Diego atualmente jogam em clubes profissionais de futebol de campo e salão

Isa Oliveira

Para manter o sonho vivo de se tornarem jogador, alguns adolescentes cubatenses não desistem e diariamente correm atrás de se profissionalizarem, apesar das dificuldades, como é o caso de William Kallebe e do Diego que jogam no Jabaquara e no futsal profissional do Santos Futebol Clube. Cubatão possui projetos gratuitos voltados para o esporte, mas segundo moradores não fornece todo suporte necessário.

Boa parte dos meninos brasileiros convive com o projeto, deles ou dos pais, de se tornarem um jogador de futebol e na cidade de Cubatão, no Litoral Paulista não é diferente. Duas famílias batalham para realizar os sonhos dos filhos, mas criticam a falta de apoio das autoridades da cidade em incentivo aos atletas.

A microempresária de 44 anos, Marta Maria dos Santos tem dois filhos e um deles é o Gustavo de 16 anos que desde criança tenta uma chance em algum clube de futebol.

“Desde que meu filho tinha quatro anos, levo ele para treinar e pago escolinhas de futebol e futsal pra ele, mas a prefeitura de Cubatão nunca nos deu um respaldo”, explica.

A mãe do atleta conta que a cidade não incentiva os garotos, não possui um clube preparatório gratuito, não investe em competições e que infelizmente é cada um por si. “O Gustavo já fez diversas peneiras, mas se eu e o pai dele não fossemos atrás ele não teria participado”.

Assim como Marta, a segurança patrimonial, Miriam Rodrigues de Souza, de 35 anos também é mãe de atleta e se queixa de como a cidade não apoia os meninos financeiramente.

“Lembro-me como se



ISA OLIVEIRA

AO LADO, o goleiro Kallebe faz uma defesa durante um dos jogos que disputou. Abaixo, Diego participa de um jogo decisivo

fissional no esporte, alguns iniciam por hobbies e acabam dedicando toda sua vida ao futebol em busca de alcançar o objetivo de entrar em um clube profissional. Como é o caso de William Kallebe.

William Kallebe Lima Silva, de 21 anos, atualmente é jogador profissional do clube de futebol Jabaquara Atlético Clube, em Santos. O goleiro começou a carreira jogando futsal em escolinhas de seu bairro em Cubatão, mas manteve o sonho de migrar para o futebol.

“Comecei jogando com seis anos, mas com o passar do tempo vi que queria jogar futebol de campo, como profissional”, conta.

O atleta fez peneiras em vários clubes como, São Paulo FC, América MG, União Iacanga FC, Santos FC, União São João de Araras e passou por mais de três escolinhas de futsal, até um técnico perceber seu talento e o convidar para o clube.

“Já cheguei a passar fome, humilhações e críticas. Pessoas próximas incentivando a desistir porque não tinha mais idade pra isso, foi quando eu entrei no meu primeiro clube, passei um ano lá e um empresário por indicação de um amigo me chamou pra ir pro Independente de Limeira, fiquei lá e



DIVULGAÇÃO

fosse hoje, meu filho foi participar de um campeonato no interior de São Paulo eu e os demais pais só tínhamos dinheiro para pagar a inscrição da competição, foi uma humilhação para a prefeitura providenciar um transporte”, conta.

Segundo Miriam, seu filho e os demais estavam representando a cidade no

campeonato, e o mínimo que as autoridades podiam fazer era fretar um ônibus.

“Quando os meninos jogam em outros lugares, falam que são de Cubatão por onde passam, mas a cidade mesmo não se interessa em ajudar”, encerra.

Apesar das dificuldades enfrentadas, meninos cubatenses tentam a carreira pro-

depois disso não parei”, diz.

Após o convite o jogador assinou um contrato profissional com o clube e atualmente faz parte do elenco Sub20, mas pretende alcançar outros clubes tanto da capital quanto times internacionais.

“Meu sonho é me tornar um jogador bem sucedido para ajudar minha família, sei que é só o começo de tudo que ainda tenho para conquistar”, encerra.

A história de William Kallebe é parecida com a de Diego Medeiros dos Santos, ala de 15 anos atua no futsal profissional do Santos Futebol Clube. O garoto começou no futebol de salão com quatro anos. “Eu sempre me dei bem com futebol de salão, diferente da maioria que se adapta em futebol”.

No ano passado, em 2022, Diego estava disputando um campeonato em São Paulo, quando surgiu a oportunidade de realizar uma avaliação no futsal, onde sempre teve habilidade.

Com seu talento incontestável desde criança, Diego passou e assinou contrato de futsal com o clube alvinegro praiano. Os meninos ressaltam que estão correndo atrás de seu sonho com esforço e apoio da família porque na cidade não encontram incentivo.

PROJETO NA CIDADE

O secretário municipal de esportes de Cubatão, Alessandro Nunes Bertolomassi, de 49 anos explica que a cidade possui uma escolinha de futebol de salão gratuita com professores qualificados. Pela quantidade de crianças não é possível que todas se inscrevam e por isso existem limites de vagas.

Segundo Bertolomassi, a cidade possui projetos futuros para investir no esporte no próximo ano, o possível plano se chamará manhã recreativa para que as crianças possam praticar uma atividade física nos finais de semana.

“Para esse ano não temos mais espaço, mas para ano que vem de 2024 temos alguns projetos em mente. Para o futebol em específico, estamos planejando fechar com uma empresa privada que invista em nossas quadras de esportes e campos, encerra”.

Escolinha Pelé

Na década de 1990 a cidade apoiava a prática de esportes, O rei do futebol, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, esteve em Cubatão para a inauguração de sua escolinha de futebol no mandato do prefeito Nei Eduardo Serra. Localizada no antigo Parque Anilinas, o projeto teve uma boa repercussão entre os moradores na época. O projeto foi encerrado há mais de oito anos. <

Rafael Albino

O riginário das praias do Rio de Janeiro nos anos de 1950, o frescobol se tornou um esporte comum nas praias da Baixada Santista e de todo o país. Porém, profissionalmente, ainda não é reconhecido. Organizadores e atletas destacam os pontos fortes da comunidade e onde o trabalho de profissionalização está sendo realizado para que os frutos sejam recolhidos no futuro.

A procura dos jovens pelo esporte ainda é uma questão impeditiva quando se trata sobre profissionalização. Não existem dados que especifiquem a faixa etária do esporte. Porém, conversando com entidades, é visível a necessidade de uma popularização entre os mais novos. Segundo o presidente da federação paulista de frescobol, Milton Santana, a instituição está buscando alterar este fator em todos os estados. "A busca é essa. Com parcerias de instituições, estamos trabalhando nas categorias de base".

Nos campeonatos profissionais, a partir de 2017 estabeleceu-se um formato de pontuação. Um radar acompanha a trajetória da bolinha, contando a pontuação apenas para batidas acima de 50km/h. Quanto maior a velocidade do golpe, mais pontos ele vai levar. Os competidores são pontuados individualmente por cada toque e, no final, a dupla soma suas contagens.

Durante a partida, que tem em média 5 minutos, toda vez que a bola for derubada, o cronômetro é pausado e os pontos são descontados. Um sistema chamado "frescogol" já atualiza e calcula imediatamente cada lance da disputa. O que facilita a objetividade dentro da competição.

Nos primórdios das competições, cada juiz avaliava pessoalmente as duplas, deixando o resultado e a veracidade do torneio mais subjetivos. Outro fator que problematiza a profissionalização da modalidade era a distância e os diferentes modos de práticas em diversas regiões. Cada federação tinha seu estilo de pontuação e a sua forma de enxergar a como seria disputada. Porém, mesmo com bloqueios geográficos, a ideia de colaboração propagada desde o primeiro toque na bola permaneceu em todas as praias do país.



RAFAEL ALBINO

◀ **PARA Fernando, essa atividade se popularizou por ser praticada na beira do mar**

O jogador começou sua trajetória na Ponta da Praia. Ele que já praticava, decidiu que iria competir após ser incentivado por um colega de faculdade, que participou como sua dupla. No primeiro campeonato, disputado em 2001, os dois já conquistaram o campeonato paulista amador.

Como "ex-entusiasta", Valeiras comentou sobre a popularidade do esporte na baixada e elencou alguns motivos. "Essa atividade é atrativa por ser jogado na beira da água, onde nós chamamos de fresquinho." Financeiramente, o exercício também se destaca dos outros passatempos praticados com raquetes. É possível achar um conjunto com um par delas e uma bolinha por cerca de R\$70. Nos outros esportes, como no tênis e no beach tennis, só o instrumento separado custa no mínimo R\$ 300,00.

Outro ponto que fortalece a prática é a demanda física. Para jogar casualmente, não é necessário ter um preparo físico de esportista, visto que o indivíduo joga "parado". Mesmo assim, benefícios como resistência muscular, flexibilidade, mobilidade e melhora do sistema cardiorrespiratório são atingidos ao praticar o esporte. Devido a isso e à história do jogo, o frescobol é procurado por pessoas mais velhas, que conseguem se manter saudáveis sem se machucar.

Na prática feita por cidadãos comuns, a regra vai de acordo com o que a dupla combinar. A pontuação e a velocidade dos golpes não importam nesses casos. O essencial é o exercício, do qual os benefícios já foram citados, e a diversão acompanhada de uma dupla.

Há apenas um ponto negativo, o horário. Em Santos, nos meses de março a novembro, treinar só é permitido a partir das 16 horas. De dezembro a fevereiro, muda para 17h por conta da extrema quantidade de pessoas que frequentam o local.

Mesmo tendo nascido na praia e sendo majoritariamente realizado por lá, um dos diferenciais da modalidade é a possibilidade de adaptação. Durante a pandemia, era comum ver vídeos viralizarem nas redes sociais onde companheiros se juntavam para se exercitar e competir, sem o objetivo de vencer. ◀

Diante disso, um trabalho de profissionalização e união dentro do frescobol vem sendo feito nos últimos anos. Santana destacou que pessoas que participam do esporte desde seu início se juntaram para organizar e definir os rumos do mesmo. "Aqueles que trabalhavam longe um do outro, agora estão se unindo para avaliar, com o mesmo formato e os mesmos aspectos de análise, os campeões."

Para considerar um esporte profissional, é necessário um número mínimo de federações, que juntas formam uma confederação. A internacionalização já está acontecendo, alguns segmentos já estão surgindo, principalmente do Japão. O presidente diz que o próximo passo é implementar a ideologia dentro das escolas e prefeituras, popularizar a atividade em todas as frentes.

Fernando Valeiras, atleta profissional e campeão do circuito paulista de fresco-

ORGANIZADORES buscam desenvolver o esporte

bol explicou como são os bastidores da modalidade no estado de São Paulo. "O esporte ainda é amador, os campeonatos não tem um cronograma exato. As datas vão saindo de acordo com o que é possível ser realizado."

O esportista também é diretor da Arena Santista de Frescobol, que fica localizada na Avenida Vicente de Car-

valho, 40, em Santos. Segundo Valeiras, os profissionais da região costumam se juntar para treinar no quintal da federação paulista, que fica em São Vicente, com o radar disponibilizado pela associação do canal 3.

Até 2018, existia a associação brasileira de frescobol, sediada no Rio de Janeiro, que organizava diversos campeonatos e com um cronograma mais específico e profissional. A tradição era realizar o último torneio da temporada na praia de Copacabana. Atualmente não há informações de um campeonato ou uma entidade de âmbito nacional.

“

O esporte ainda é amador, os campeonatos não tem um cronograma exato. As datas vão saindo de acordo com o que é possível ser realizado.”